



Manuel Alegre

Desarrumar as coisas sossegadas



**Pro
memoria**

EUGÉNIO LISBOA

Quando Manuel Alegre publicou a *Praça da Canção*, em 1965, vivia eu em África, onde nasci. O livro chegou lá e, como muitas vezes acontecia, a censura de lá nem sempre andava 'em fase' com a censura de cá. Seja como for, o livro foi ali divulgado e lido por quem lia essas coisas, amado por quem ama livros ao gosto desse livro e abominado (provavelmente, denunciado) por quem abomina e faz questão de denunciar livros desse cariz.

Manuel Alegre tornou-se depressa um poeta lido, recitado e cantado, um poeta «popular», no melhor sentido do termo, o corajoso bardo de uma causa nobre e perseguida, intensamente amado por uns e detestado por outros – como acontece quase sempre aos bardos que algum povo adopta e acarinha. Era um poeta repleto de tradição, conteúdo e oficina. Era, portanto, de prever que, a breve trecho, um certo sector da nossa praça literária, que secretamente abomina a «arte de fazer versos», lhe comesse a «fazer boquinhas», por aquilo mesmo que nele era digno de admiração: o domínio oficial inerente a uma poesia que se propunha cultivar.

Todos os grandes poetas são, além do mais que também são, competentes artesãos («artistas», em clave camiliana...) do verso que cultivam, do mesmo modo que os pintores dominam em toda a linha a arte de pintar e os compositores a arte de musicar. Camões foi indiscutivelmente um grande *fabbro*; Bocage, Garrett, Cesário, Pessanha, Pessoa, Régio, O'Neill, Natália, Sophia, Mourão-Ferreira, Bandeira, Drummond, foram todos eles grandes *fabbros*. Dizia Léon-Paul Fargue que «em arte, é preciso que a matemática se ponha ao serviço dos fantasmas». Foi esta «matemática» (o conhecimento do ritmo, da fecunda e sábia rima, da organização estrutural do poema), foi esta arte que Manuel Alegre aprendeu cedo com os grandes poetas do passado (lusíadas e estrangeiros) – foi este ofício nobre que ele soube pôr ao serviço dos seus dilacerados fantasmas, como sempre fazem os que sabem o que fazem. Alegre assumiu-se, desde o começo, como um eu que encarnava muitos outros – quiçá, ambiciosamente, a melhor parte de um povo espeznado mas resistente: «Em cada poema estou mas não sozinho», diz ele algures, na *Praça da Canção* («Canção Primeira»). Fazendo um uso fluente e até fulgurante de «toda a estranha sintaxe dos lamentos», usando com astúcia e eficácia a sua «bicicleta de recados», consciente de que «batem no [seu] poema as vozes muito antigas», que usa, contudo, para se opor a uma opressão recente, Alegre cedo se consagra entre os mestres cantores que invadem a praça com o propósito explícito de incomodar, como quem acorda e mobiliza. Do exílio, para onde partira, Alegre, como Hugo

em circunstâncias idênticas, está disposto, parafraseando Maurós, a tornar-se a consciência bravia de Portugal: «Eu venho incomodar», avisa num verso. E acrescenta: «É inútil mandarem-me calar». Não o mandaram calar, mas travaram, como puderam, a difusão do livro, cujos poemas circularam em palpitante *sanizdat* e em recitais a furar o bloqueio. Poderia ter comentado, à maneira de Hugo, quando a censura de Napoleão, o Pequeno, barrou o percurso ao livro em que o



anos depois, o autor desses dois brevíssimos do saber dizer «não» pode orgulhar-se de uma vasta e diversificada obra de grande lírico, na qual se agita e sofre toda uma teoria de fantasmas e obsessões, que justifica o que dela diz o próprio poeta, ao dá-la, com justo orgulho, por «uma encantada, encantatória e desesperada tentativa de captar a essência do mundo e de, através da palavra, 'mudar a vida', como queria Rimbaud.»

Quis, com estas breves palavras, render a minha modesta homenagem, há muito devida e sempre adiada, ao notável bardo de *Senhora das Tempestades* (1998), livro que mereceu, quando do seu aparecimento, uma eloquentíssima e bela apresentação, da autoria de Vítor Manuel de Aguiar e Silva. Faço-o agora, a pretexto do aparecimento da sua *Poesia*, em dois belíssimos volumes que a Dom Quixote lançou, enriquecidos pelo referido texto de Aguiar e Silva, e por outros dois, igualmente notáveis, da autoria, respectivamente, de Eduardo Lourenço («Manuel Alegre ou A Nostalgia da Epopeia») e de Paula Mourão («Um Rouxinol na Praça da Canção»). Os dois volumes, vermelhos, enfiados em apetecível caixa de cartão, também vermelha. O texto de Lourenço servira já de prefácio às 2^a e 3^a edições da sua *Obra Poética* (1995) e o de Paula Mourão fora escrito para a edição comemorativa dos 40 anos de *Praça da Canção* (2005). Agora reunidos os três, testemunham, com uma energia que sabe bem sentir, a perenidade desta poesia que, sendo de hoje, vem de longe, de um cancionero lusitano que começou na Idade Média e se veio prolongando, com altos e baixos, até estes florescentes séculos XX e XXI, que nos têm ofertado algumas das melhores espécies que o nosso lirismo soube congeminar.

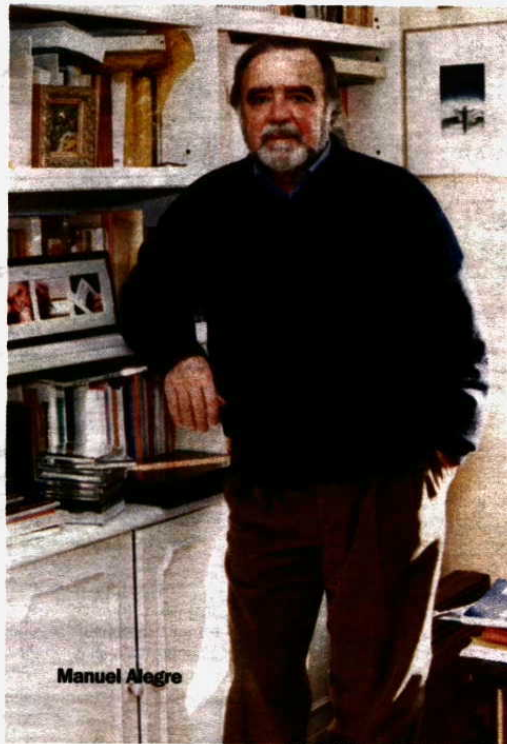
Num texto – «O que sei de poesia» – escrito para ser lido numa sessão consagrada a *Trinta Anos de Poesia* (1995), na Faculdade de Letras da Universidade

Católica de Viseu e agora incluído no final do 2^o volume desta *Poesia*, Manuel Alegre observa: «Não sei falar de literatura. Não sei se sei falar de poesia.» É óbvio que sabe e que sabe que sabe. Mas nem é importante que saiba. O importante é que faça poesia e continue a fazê-la. Às vezes, até acontece fazê-la daquela espécie que nos mostra, afinal, como o poeta sabe falar de poesia, no próprio acto de fazê-la:

O poema vai e vem. E se demora
Não quer dizer que seja demorado
Mas que tem como tudo a hora
E como tudo é sempre inesperado.

Por muito que se espere não se espera.
Por mais que se construa é acaso e sorte.
Às vezes quando vem já foi ou era.
Porque assim é a vida. E assim a morte.

Por isso mesmo quando distraído
Ninguém como o poeta é tão atento.
Ele sabe que de súbito há um sentido.
Vem como o vento. E passa como o vento.



Manuel Alegre

poeta o atava ao pelourinho: «Esse imbecil eriça baionetas contra o desembarque de um livro.» O Napoleão português não eriçou baionetas porque tudo, entre nós, era a uma escala merdosa e mesquinha (e parola), que aleijava e ocasionalmente matava, mas sem grandeza nem aparato. O «recato» era de regra...

Com *Praça da Canção* e, dois anos depois, *O Canto e as Armas* (1967), Alegre consagrou-se, definitivamente, entre os grandes vates que «desarruma(m) um pouco as coisas sossegadas» e tentam opor à pífia astúcia dos opressores «a promessa dos trigos» e, também, «um cesto carregado de vindima», que é como quem diz, «a vida», em lugar da resignação mole que mina e corrompe. «Dos homens falo. Nada sei dos mitos», diz. Mas arriscar-se-ia, não fosse ele um poeta genuíno, a tornar-se, ele próprio, um mito: uma estátua. A estereotiparse, em suma, num certo tipo de «poesia resistente». Nada disso, porém, sucedeu. Este lírico não morreu cedo, nem por se ter consolidado numa fórmula vencedora, nem por, simplesmente, ter deixado de escrever. Quarenta e tal